

# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 41 – Junho / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

JUNHO / 2020

## A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL (TMI) E SEU IMPACTO NA COMUNIDADE: O ENVOLVIMENTO E O DISTANCIAMENTO NECESSÁ- RIOS PARA NÃO COMPROMETER O EVANGELHO!

*Dr. Josemar Valdir Modes*



# A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL (TMI) E SEU IMPACTO NA COMUNIDADE: O ENVOLVIMENTO E O DISTANCIAMENTO NECESSÁ- RIOS PARA NÃO COMPROMETER O EVANGELHO!

The Theology of Integral Mission (TMI) and its impact on the  
community: the necessary involvement and distance to avoid com-  
promising the Gospel!

*Dr. Josemar Valdir Modes<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: [dinho@batistapioneira.edu.br](mailto:dinho@batistapioneira.edu.br)

## RESUMO

O artigo apresenta a Teologia da Missão Integral e suas premissas como resposta para uma ação social efetiva, de envolvimento bíblico da igreja com a comunidade. A perspectiva abordada enfatizou a distinção da igreja da sociedade de seu entorno, compartilhando com ela os resultados de sua crença, sob um novo prisma, permeado pela perspectiva divina sobre o trabalho comunitário da igreja.

**Palavras-chave:** Ação social. Comunidade. Igreja. Teologia da Missão Integral.

## ABSTRACT

The article presents the Theology of Integral Mission and its premises as an answer to an effective social action, of biblical involvement of the church with the community. The approach addressed emphasized the distinction of the church from the society of its surroundings, sharing with it the results of its belief, in a new light, permeated by the divine perspective on the church's community work.

**Keywords:** Social action. Community. Church. Theology of Integral Mission.

## INTRODUÇÃO

Refletir sobre a necessidade de uma ação efetiva da igreja na comunidade é o objetivo deste artigo, ainda mais quando visualizamos um cenário de crise e de polarização política, como a que se vive no Brasil, na atualidade. A Teologia da Missão Integral (TMI)<sup>2</sup> parece trazer conceitos suficientes para nortear a igreja a agir e transformar o contexto à sua volta.

Quando pensamos na Teologia da Missão Integral (TMI), instantaneamente somos incentivados a pensar numa ação social relevante para a comunidade que cerca a igreja, entendida como o grupo de pessoas que está em constante contato com a sociedade. Mas é preciso esclarecer primeiramente de que comunidade se está falando, uma vez que este conceito geralmente não está alinhado com a perspectiva que a TMI advoga, e que é crucial para o seu desenvolvimento. Geralmente a discussão tem a tendência de classificar a comunidade em um nível diferente do que aquele que se reporta a ela.<sup>3</sup>

O nível pode ser superior – quando a gente idealiza os pobres e os classifica como “coitadinhos bonzinhos” – ou em um nível inferior – quando a gente acredita que “eles não sabem nada, e nem são tão espertos assim, e logo dependem da nossa solução incrível que irá tirá-los desta situação deplorável em que se encontram, e muitos destes estão assim porque quiseram”. Ambas as

<sup>2</sup> A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL enfatiza “a proclamação e a demonstração do evangelho. Não significa simplesmente que o evangelismo e o envolvimento social tenham que ser realizados simultaneamente. Na Missão Integral, nossa proclamação tem consequências sociais quando convocamos as pessoas ao amor e ao arrependimento em todas as áreas da vida. Nosso compromisso social tem consequências para a evangelização quando damos testemunho da graça transformadora de Jesus Cristo. Se ignoramos o mundo, traímos a Palavra de Deus, que nos envia para servir o mundo. Se ignoramos a Palavra de Deus, não temos nada para oferecer ao mundo” (STEUERNAGEL, Valdir. O Movimento Lausanne e a Missão Integral, 20 ago. 2014. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/o-movimento-lausanne-e-a-missao-integral#pacto+de+lausanne>>. Acesso em: 09 fev. 2015).

<sup>3</sup> COOK, Guilherme. As comunidades eclesiais de base e a missão integral. In.: STEUERNAGEL, Valdir R. (org.). A missão da igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão, 1994, p. 325-340.

abordagens sobre as “comunidades” são equivocadas na perspectiva cristã.<sup>4</sup>

A verdade é que essas classificações não existem. Moralmente todos os seres humanos são iguais e extremamente dependentes de Deus. Essas classificações não ajudam, e pior, atrapalham, porque distanciam o que ajuda dos ajudados.

Vale destacar aqui também quem ajuda essas comunidades. Na perspectiva dualista, são agentes externos que fazem diferença na comunidade; na perspectiva inclusiva a transformação ocorre pela própria comunidade, porque reconhece-se as competências que lá existem e que foram dadas por Deus e serão usadas por Ele. Essa deveria ser a mentalidade de trabalho: o Evangelho encarnado, vivenciado dentro das comunidades. “As soluções relevantes, sustentáveis e inovadoras serão articuladas a partir daquilo que Deus já está fazendo nas comunidades. Falta-nos mais humildade, capacidade de escuta, tolerância com a perspectiva do outro, entendimento de que Deus não está ausente da história”.<sup>5</sup>

Quando se tem a perspectiva do Reino de Deus em mente, a comunidade é composta por todas as pessoas e, se algum direito é violado, o direito de todos está em xeque. Há o real auxílio de uns para com os outros e o despertar do auxílio dentro da própria comunidade, e é preciso despertar de fato!<sup>6</sup>

Ao se olhar de forma específica para a realidade brasileira, pode-se notar que ela carece da ação da igreja, uma vez que é um dos países com maior desigualdade social do mundo; tem um dos piores programas de saúde e educação primária; as mulheres sofrem discriminação, recebem baixos salários e são vítimas de violência; e há um abismo quase intransponível entre os

<sup>4</sup> CAMARGO, Marcel Lins. Como transformar a comunidade. Ultimato, 20 jun. 2012. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br/conteudo/como-transformar-a-comunidade>>. Acesso em 11 fev. 2015.

<sup>5</sup> CAMARGO, 20 jun. 2012. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br/conteudo/como-transformar-a-comunidade>>.

<sup>6</sup> PADILLA, René. O que é missão integral? Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 45-49.

poucos ricos e os muitos pobres.<sup>7</sup>

Mas a igreja pode contribuir para mudar essa situação. No relato de Atos fica evidente o impacto que a sociedade experimentou a partir daquele grupo de pessoas transformadas por Jesus Cristo. A comunidade não era mais a mesma. Se a comunidade não sofre a menor alteração pela existência da igreja em seu meio é porque a igreja não é igreja.<sup>8</sup>

“Para que o mal triunfe, tudo o que é necessário é que pessoas boas não façam nada”.<sup>9</sup> A igreja precisa compreender que Deus não está na igreja apenas, mas Ele preenche toda a criação. Essa é a realidade que Paulo destaca quando escreve aos cristãos da cidade de Colossos, afirmando que o “mundo foi criado por Cristo, para Cristo, foi reconciliado em Cristo e para Cristo” (Cl 1.16-20). O mundo e não apenas parte dele!<sup>10</sup>

Para a igreja fica o imenso desafio de ser uma comunidade distinta, mas ao mesmo tempo produzir ações que sejam efetivas na transformação social. Muitas vezes tendemos a ir por caminhos trilhados pela sociedade, gerando certo envolvimento social, mas que não tem amparo bíblico em sua forma de se apresentar. O desafio de se manter à parte e de ser a parte que faz diferença é a grande proposta deste estudo.

<sup>7</sup> MUZIO, Rubens. O DNA da igreja: comunidades cristãs transformando a nação. Curitiba: Esperança, 2010, p. 54.

<sup>8</sup> MUZIO, 2010, p. 121.

<sup>9</sup> SHAPIRO, Fred R.; EPSTEIN, Joseph. The Yale book of quotations. Yale: Yale University Press, 2006, p. 116.

<sup>10</sup> SHAPIRO, 2006, p. 116.

## 1. A IGREJA COMO UMA COMUNIDADE DISTINTA DA SOCIEDADE

Diante das necessidades apresentadas pela sociedade, a igreja precisa primeiramente se posicionar CONTRA tudo aquilo que contradiz as Escrituras, denunciando os abusos e as injustiças. Parece estranho pensar num envolvimento social, partindo das questões para as quais a igreja terá que fazer oposição. Mas ter clareza daquilo que não somos e do que não concordamos é essencial para um posicionamento bíblico e uma ação social revolucionária segundo as Escrituras.

A igreja não pode se amoldar à sociedade e muito menos ser confundida com ela, uma vez que a sociedade é marcada pelo pecado e suas consequências. É a distinção que atrai as pessoas de fora, como se pode ver na igreja de Atos. Essa atitude de denúncia é chamada de voz profética.<sup>11</sup>

A ação profética se dá quando representamos a consciência moral da nação; a voz da ira de Deus contra a iniquidade. E para sermos adversários dessa iniquidade, inimigos do mal, não temos necessidade de pertencer a nenhum partido político, nem sermos candidatos a coisa nenhuma... Acontece que, quando uma comunidade se levanta e clama contra a iniquidade existente, ela absolutamente não está fazendo política partidária, nem vestindo bandeira ideológica. Nós estaremos realmente mexendo nas formas quando fizermos filantropia, projetos de desenvolvimento, ação política, na retaguarda, intercessão, ensino, apoio e profecia nesse sentido.<sup>12</sup>

Cabe a igreja ter consciência da comunidade que a cerca para que possa exercer seu ministério profético através de confrontação séria. “Confrontação não é violência”.<sup>13</sup> Na mente de

<sup>11</sup> PADILLA, 2009, p. 81-86.

<sup>12</sup> CAVALCANTI, Robinson. Igreja: agência de transformação histórica. São Paulo: Vinde e Sepal, 1987, p.51-53.

<sup>13</sup> LINTHICUM, Robert C. Revitalizando a igreja. São Paulo: Bom Pastor, 1996, p. 171-172.

muitas pessoas ao se falar de confrontação o uso da força se torna a única alternativa na qual pensam. “Confrontação é simplesmente a atividade entre seres humanos na qual eles discordam, e devido a esta discordância, estão desafiando uns aos outros. A palavra significa literalmente “testa-a-testa” - isto é, as testas colocadas fisicamente uma contra-a-outra”.<sup>14</sup> A confrontação é um encontro onde um olha no olho do outro, de forma direta, procurando uma solução final. Já a violência assume proporções bem distintas, pois nela usa-se a força e não o diálogo para ganhar a disputa. “Enquanto a confrontação é verbal, a violência é física”. Percebe-se que confrontação e violência são palavras antônimas, pois quando há violência é porque a confrontação falhou ou não existiu, pois se ela for eficaz evitará a violência e trará uma solução para o dilema a ser enfrentado.<sup>15</sup>

Essa ação profética não tem sido tão efetiva por parte da igreja. Algumas nem mesmo estão preocupadas em anunciar a salvação em Cristo Jesus. As pessoas já não são mais atraídas à igreja devido a verdade anunciada por elas. Estratégias humanas baseadas em técnicas de marketing visam atrair as pessoas, chamadas carinhosamente de “*desigrejados*” (interessante que o Novo Testamento faz distinção apenas entre pessoas convertidas e não-convertidas) a terem então um encontro com Deus. O objetivo não é testemunhar e denunciar, mas apenas atrair!<sup>16</sup>

Para isso, faz-se uma pesquisa do público alvo, perguntando a estas pessoas sobre quais atividades e programações eles têm interesse. Feita a pesquisa, forma-se uma igreja com a cara das pessoas que ainda não fazem parte dela. Estas igrejas investem alto no quesito atração de pessoas: Lagos com cisnes em frente aos templos; enormes livrarias ao lado da igreja, além de uma área de alimentação completa, que oferece cardápios

<sup>14</sup> LINTHICUM, 1996, p. 171-172.

<sup>15</sup> LINTHICUM, 1996, p. 171-172.

<sup>16</sup> STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 64-65.

diferentes; tempos espaçosos e modernos, equipados com o que tem de melhor em tecnologia, tanto na área da sonoplastia, como também na iluminação.<sup>17</sup>

No discurso o objetivo é alcançar os perdidos, o que é bíblico e digno de louvor. Mas na prática os métodos são altamente questionáveis, pois são baseados em estratégia de marketing. “Fundamentalmente, marketing traça o perfil dos consumidores, descobre suas necessidades e projeta o produto (ou imagem a ser vendida) de tal forma que venha ao encontro dos desejos do consumidor”. Essa é a forma de *evangelizar* de muitas igrejas na atualidade.<sup>18</sup>

Deve ficar claro que o Evangelho não é um produto a ser vendido. Não deve ser modificado ou adaptado para satisfazer as necessidades da sociedade consumista. “Qualquer tentativa nessa direção compromete de algum modo a verdade sobre quem é Cristo e do que Ele fez por nós”.<sup>19</sup>

As implicações de evangelizar dessa forma são gigantescas. Primeiro porque se o perdido é tratado como um consumidor, deve-se lembrar que “um mandamento básico de marketing diz que o freguês sempre tem razão”,<sup>20</sup> e se o que se apresenta fere, ofende ou não agrada o *cliente*, precisa ser obrigatoriamente deixado de lado, modificado ou apresentado como sem importância, o que contradiz a Bíblia que afirma claramente que a mensagem da Cruz é “loucura para os que estão perecendo” e que Cristo é uma “pedra de tropeço e rocha que faz cair” (1Co 1.18 e 1Pe 2.8).<sup>21</sup>

<sup>17</sup> MODES, Josemar Valdir. A igreja e a sua clientela: a demasiada valorização do ser humano em contraste com o cristocentrismo da Igreja Primitiva. *Azusa - Revista de Estudos Pentecostais*, v.5, 2014, p.71 - 96.

<sup>18</sup> McMAHON, T. A. Igreja ao gosto do freguês. *São Paulo*, 21 mai. 2009. Disponível em <[http://www.musicaeadoracao.com.br/crescimento/igreja\\_gosto.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/crescimento/igreja_gosto.htm)>. Acesso em: 21 mai. 2009.

<sup>19</sup> MODES, 2014, p.71 - 96.

<sup>20</sup> MODES, 2014, p.71 - 96.

<sup>21</sup> McMAHON, disponível em <[http://www.musicaeadoracao.com.br/crescimento/igreja\\_gosto.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/crescimento/igreja_gosto.htm)>. Acesso em: 21 mai. 2009.

Em segundo lugar, quando se atrai os não-cristãos por meio de coisas que os interessem, apela-se “para seu lado carnal”. Esta é a forma de agir de muitas igrejas: não criam nada novo, mas copiam o que é popular na cultura; reproduzem os mesmos estilos musicais e às vezes as mesmas melodias; pregam apenas palavras positivas, com um tom terapêutico, salientando a ajuda de Deus na vida do indivíduo.<sup>22</sup>

“As pessoas estão: ...procurando espiritualidade, não a religião”. Quando o cristianismo se torna isso, centra-se mais “em redução de stress do que em salvação”, tem mais função “terapêutica do que teológica. Fala-se sobre sentir-se bem, não sobre ser bom. É centrada no corpo e na alma e não no espírito”.<sup>23</sup>

*Deus não nos chamou para estabelecer seu reino sobre a terra. Deus nos chamou para arrependermos de nossos pecados (incluindo a injustiça, o preconceito racial, o abuso de poder, a exploração irresponsável da natureza, o materialismo e o individualismo que caracterizam a nossa sociedade) e para receber com alegria a boa nova do reino que chegou até nós na pessoa e no ministério de Jesus Cristo. Quem se arrepende e crê no evangelho é liberado de uma vida infrutífera de escravidão pelos poderes das trevas e transformado em um agente de transformação integral para a glória de Deus.*<sup>24</sup>

Mesmo diante das maiores mazelas a igreja precisa demonstrar a fé cristã e ter voz profética. Ela não pode simplesmente fingir que nada está acontecendo ao seu redor. Também não pode se contentar com um “papel discreto de coadjuvante” no qual se torna só mais uma entre tantas organizações trabalhando em prol da comunidade, mas com profundo amor precisa destacar a exclusividade de Cristo e a ação dEle na vida daqueles que o aceitam. O próprio relativismo com o caos que reproduz pode ser uma forma de se apresentar o único caminho.<sup>25</sup>

<sup>22</sup> MODES, 2014, p.71 - 96.

<sup>23</sup> MUZIO, 2010, p. 113-117.

<sup>24</sup> PADILLA, 2009, p. 84.

<sup>25</sup> SANTOS, Luiz Fernando dos. Tolerância e Exclusividade: numa época de muitas escolhas a singularidade de Cristo faz sentido? Ultimato, 11 set. 2014.

Deus ama a justiça e esse mesmo amor deve estar presente na vida dos cristãos e daqueles que compõe a igreja de Cristo. Entra em ação neste aspecto o ensino de Cristo sobre ser sal e luz. Estes dois elementos podem até passar despercebidos quando cumprem a sua função, mas quando isso não ocorre, a ausência é rapidamente notada. Possivelmente a falta de referências de mudanças na sociedade, que devem iniciar-se pelas bases, é devido à inatividade da igreja com sua missão.<sup>26</sup>

Um culto egoísta é um retrato de uma igreja socializada, que não cumpre seu papel de ser voz profética e de fazer distinção entre o certo e o errado. A adoração da atualidade, em muitos contextos religiosos, assemelha-se a prestada nos tempos do profeta Amós. Dentre as suas principais características negativas, pode-se destacar: é interesseira! As pessoas buscam igrejas com a finalidade de sentir-se bem, de se sentirem confortáveis, ou seja, buscam a sua própria satisfação por meio da adoração. O foco da adoração não pode estar no ser humano. Ela não pode ser fundamentada na vontade humana.<sup>27</sup>

É errado quando os cristãos na igreja “adoram” apenas com a música que gostam em vez de cantar louvor a Deus como Ele instruiu e deseja. É errado quando os sermões tratam daquilo que a comunidade da fé quer ouvir em vez de refletir a pura mensagem do Evangelho de Cristo. É errado quando a adoração apresenta numerosas atividades que praticadas sem a autorização do Senhor simplesmente porque agradam todas as pessoas que participam delas.<sup>28</sup>

A confrontação dos erros através de um testemunho vivo e a demonstração da compaixão no lugar do individualismo e egoísmo enfatizados pela sociedade, representam a não conformação com a comunidade corrompida que cerca a igreja e a co-

<sup>26</sup> MUZIO, 2010, p. 121-126.

<sup>27</sup> FISCHER, Gary. Adoração rejeitada. São Paulo, 21 mai. 2009. Disponível em <<http://www.estudo.dabiblia.net/d94.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2009.

<sup>28</sup> FISCHER, disponível em <<http://www.estudo.dabiblia.net/d94.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2009.

locam na contramão do senso comum. É claro que a igreja tem e deve ter mais características distintas, mas precisa-se começar por estas para que se impacte a sociedade e a missão integral se torne uma realidade. O maior erro que se pode cometer é diminuir a mensagem do Evangelho para que as pessoas se sintam bem e atraídas. É o trabalho social pelo social, meramente. Desta forma, as pessoas vão bem nutridas, com uma ótima casa, carro, boa saúde, e demais necessidades básicas bem supridas, para o inferno.

## 2. A COMUNIDADE ABENÇOADA PELA IGREJA

Quando olhamos para a Igreja Primitiva, podemos perceber que a realidade vivenciada por aqueles cristãos teve sua clara extensão para a comunidade à sua volta. Fica evidente, ao se olhar para esta igreja, que o que ela experimentou foi amplamente exportado para todos que entraram em contato com ela.<sup>29</sup>

O assunto *boas obras* encontra, por si só, resistência em alguns círculos teológicos; imaginar então que seria possível trazer as nações para adorar a Deus por intermédio delas pode soar ainda mais improvável, ainda mais quando estas pessoas consideradas vivem na maior potência mundial, ou seja, o Império Romano. “Por mais improvável que isso parecesse naquele tempo, o chamado de Jesus para ser luz do mundo foi levado a sério por seus discípulos. Eles se dedicaram a atos quase heroicos de piedade”.<sup>30</sup>

As ações destes primeiros cristãos foram simples, mas de abrangência gigantesca. Eles amavam seus inimigos, oravam pelos seus perseguidores e cuidavam dos pobres onde quer que os encontrassem. O Imperador Juliano, a quem foi atribuído o

<sup>29</sup> PADILLA, 2009, p. 57-62.

<sup>30</sup> WRIGHT, Christopher J. H. A missão do povo de Deus: uma teologia da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 174-175.

título apóstata por não seguir a fé cristã, reconheceu estes atos de benevolência dos cristãos que sobrepunham as ações dos não cristãos.<sup>31</sup> Registros históricos comprovam que a igreja de Jerusalém tinha uma lista de pessoas que eram cuidadas e alimentadas diariamente; “Paulo, em resposta a uma fome que devastou a Palestina entre 46-48 d.C., conduziu, por quase uma década, seu próprio programa de ajuda internacional, destinado aos palestinos afetados pela pobreza”.<sup>32</sup>

As “boas obras” cristãs continuaram muito tempo depois da era do Novo Testamento. Sabemos, por exemplo, que por volta do ano 250 d.C., a comunidade cristã de Roma estava sustentando 1.500 pessoas carentes todos os dias. Igrejas em todo o Mediterrâneo estabeleceram programas de alimentação, hospitais e orfanatos. Estes estavam disponíveis para cristãos e não cristãos. Isso foi uma inovação. E qual foi o resultado disso? Bem, em dois séculos e meio, os cristãos passaram de um pequeno grupo de algumas centenas de judeus da Palestina para a maior força social na história do mundo. Na verdade, a influência das boas obras cristãs foi tão grande que, no século IV, o imperador Juliano (331-363 d.C.) temeu que o cristianismo assumisse a direção do mundo todo, para sempre, por meio de boas obras secretas.<sup>33</sup>

Muitas das ações e experiências compartilhadas dentro desta igreja insipiente foram transferidas e assimiladas de forma automática pela sociedade à sua volta. Ao se olhar a ética do Sermão do Monte, que é uma renovação dos Dez Mandamentos, percebe-se claramente que boa parte dos direitos humanos descritos na atualidade tem a sua base neste ensino. Todos os serviços prestados pela igreja no campo social e humanitário, receberam ao longo do tempo um sólido apoio popular por onde se espalharam. Este apoio se traduz posteriormente em avanços

<sup>31</sup> JOHNSON, Paul. *A history of Cristianity*. New York: Atheneum, 1976, p. 75.

<sup>32</sup> *Apud*, WRIGHT, 2012, p. 174-175.

<sup>33</sup> *Apud*, WRIGHT, 2012, p. 174-175.

jurídicos, poder político e prestígio cultural. A igreja alimentou, mostrou e realizou “uma ‘utopia que funciona’ no seio do sub-mundo romano. Conseguiu para muitas pessoas e muitos grupos uma cidadania real”.<sup>34</sup>

Dentre algumas mudanças significativas prestadas pelo cristianismo à comunidade, pode-se citar: o enterro dos falecidos; a hospitalidade que recepcionava até mesmo os desconhecidos; um programa de assistência social aos marginalizados, visitas aos doentes, inválidos e presos; o reconhecimento do valor das mulheres.<sup>35</sup>

“Jesus ensinava corretamente o paradigma certo, porque lidava com a erradicação do mal, porque ensinava de maneira a libertar as pessoas do peso da lei, porque priorizava as pessoas e não bens e instituições”. Era neste aspecto que a Sua justiça excedia a dos escribas e fariseus, profetas, legisladores e do Poder Constituinte. Ele ensinava “como quem tem autoridade”, não só pela coerência do que falava, mas principalmente por falar e fazer a coisa certa. A mensagem de Jesus era prática.<sup>36</sup>

Percebe-se tanto no Decálogo, como na atualização feita por Jesus, uma ênfase em quatro áreas que deveriam e são influenciadas pelo cristianismo, quando este é verdadeiramente assimilado:

a) *suficiência econômica* – que não significa que todos se tornariam ou se tornarão ricos, mas uma preocupação em oferecer o necessário para a vida a todos. Essa suficiência tem implicações tanto na produção a partir do trabalho, como também do manuseio correto dos recursos, evitando desperdício e roubos (Dt 15.4; Is 9.3; 2Ts 3.8-10; Ef 4.28).<sup>37</sup>

<sup>34</sup> PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi Pinsky (orgs). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

<sup>35</sup> MARQUES, Roberta Lia Sampaio de Araújo. A Contribuição da Doutrina Cristã para os Direitos Fundamentais. THEMIS: Revista da ESMC / Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará. Fortaleza, 2007, v. 5, n. 1, jan/jul, p. 44-45.

<sup>36</sup> QUEIROZ, Carlos. Ser é o bastante: felicidade à luz do Sermão do Monte. Curitiba: Encontro, 2003, p. 215.

<sup>37</sup> MUZIO, 2010, p. 59-63.

b) *A paz social* – que é muito mais do que o apaziguamento daquele que está armado. Visa levar tranquilidade àquele que está aflito por causa de uma doença, pela privação dos seus familiares e também por causa das tensões do dia-a-dia. A paz social é um fator chave para a erradicação da pobreza e inicia-se com a paz que o ser humano deve ter com Deus, para repassá-la ao seu próximo e ao mundo criado (2Co 5.19; Cl 1.17,20).<sup>38</sup>

c) *Justiça pública* – a paz é decorrente da justiça. Deus é um Deus que justifica e que é justo (Sl 33.5; Jo 5.30). Há claras advertências bíblicas contra a injustiça nos livros de Amós e Isaías. Tanto a injustiça estrutural como a individual são retratadas na Escritura. Pela Bíblia “roubar um trabalhador do seu justo pagamento é tão pecaminoso quanto roubar um banco. Votar a favor de um racista e corrupto é tão pecaminoso quanto dormir com a mulher do próximo”.<sup>39</sup> A justiça ocorre pela legislação, reparação e penalidades. Quando divinamente instituídas, elas colaboram para a vivência pacífica.<sup>40</sup>

d) *Retidão nacional* – a retidão está diretamente ligada com a moralidade da nação. Conhecer os preceitos de Deus e segui-los é fundamental para que se experimente uma transformação em todos os níveis do governo e da população em geral. A moralidade está ligada ao conhecimento dos preceitos de Deus.<sup>41</sup>

<sup>38</sup> COMBLIN, J. Teologia da Missão. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 26.

<sup>39</sup> MUZIO, 2010, p. 71.

<sup>40</sup> MUZIO, p. 70-72.

<sup>41</sup> NEWNIGIN, Leslie. The gospel in a pluralistic society. Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 53.

Os pais da igreja<sup>42</sup> também manifestaram uma preocupação de beneficiar a comunidade com a transformação do Evangelho. Clemente de Roma, por exemplo, expressou uma preocupação muito profunda com os marginalizados ao declarar que os fortes deveriam cuidar dos fracos e os ricos cuidar dos pobres como resposta à justificação recebida.<sup>43</sup>

Na Reforma pode-se perceber a mesma ênfase. A comunidade nunca está aquém na ação da igreja cristã. Lutero, conhecido pela difusão da doutrina da justificação, menciona o aspecto social em duas das 95 Teses:

43º - Os cristãos devem ser ensinados que aquele que dá ao pobre ou empresta ao necessitado pratica uma obra melhor do que comprar perdões.

45º - Os cristãos devem ser ensinados que aquele que vê um homem em necessidade, e passa por ele, e dá (seu dinheiro) por perdões, não compra as indulgências do papa, mas a indignação de Deus.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> ORÍGENES DEFENDENDO OS POBRES NA IGREJA - No século III d.C, o pagão Celso e o cristão Orígenes se engajaram num debate sobre o Cristianismo. Durante a discussão, Celso haveria declarado: quando a maioria dos mestres sai a ensinar, gritam: “venham a mim, os que são limpos e dignos”, e os que o seguem são as pessoas do mais alto gabarito existente. Mas seu mestre é néscio e grita: “Venham a mim os abatidos e afligidos pela vida”, de forma que se acumulam ao seu redor os marginalizados e excluídos da humanidade. A resposta de Orígenes a Celso é descrita como uma das declarações mais profundas, jamais feita acerca do poder do Cristianismo: sim, eles são os marginalizados e excluídos da humanidade. Mas Jesus não os deixa assim. De um material que alguém diz ser inútil, ele forma “pessoas fortes”, devolvendo-lhes seu respeito próprio, capacitando-os para se sustentarem sobre seus próprios pés e olhar em Deus nos olhos. Eles eram objetos amedrontados, desprezados, quebrantados. Mas o Filho os libertou! (LINTHICUM, 1996, p. 87-88).

<sup>43</sup> NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: uma visão contemporânea. Campinas: LPC, 1999, p. 58

<sup>44</sup> BETTENSÓN, H. Documentos da igreja cristã. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1967, p. 235.

João Calvino e os demais pastores de Genebra<sup>45</sup> também deram a sua contribuição para essa comunidade, denunciando os pecados sociais, enfatizando o senhorio de Cristo sobre todas as esferas da existência humana.<sup>46</sup> O próprio Calvino via a dimensão do dinheiro e do trabalho como sendo sagradas. “Considerava os negócios como uma forma legítima de servir a Deus e de trabalhar para a sua glória”. Ele via a circulação de dinheiro e os bens e serviços como uma forma concreta da comunhão dos santos, uma vez que os colocava em contato, e defendia que aqueles que se envolviam em negócios deveriam ter como objetivo ajudar os pobres e os ricos. Pensava que seria bom restaurar o ano do jubileu – uma redistribuição voluntária periódica da riqueza, de modo que a brecha social nunca se tornasse permanente. Em um sermão, ele disse: “Deus mistura os ricos e os pobres para que eles possam encontrar-se e ter comunhão uns com os outros, de modo que os pobres recebam e os ricos repartam”.<sup>47</sup>

No movimento pós Reforma pode-se citar John Wesley como alguém muito preocupado com as questões sociais. São atribuídas a ele muitas ações transformadoras na área social, como a abertura de clínicas gratuitas, o estabelecimento de uma espécie de cooperativa de crédito, escolas e orfanatos. “Os historiadores atribuem à influência de Wesley – muito mais que a qualquer outra coisa – o fato de a Inglaterra haver sido poupada dos horrores de uma revolução sangrenta como a da França”.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> OS PASTORES DE GENEBRA intercediam diante do Conselho da cidade em favor dos pobres e dos operários. O próprio Calvino intercedeu várias vezes por aumentos de salário para os trabalhadores. Os pastores genebrinos pregavam contra a especulação financeira e fiscalizavam parcialmente os preços contra altas abusivas. Sob a influência dos pastores, o Conselho limitou a jornada de trabalho dos operários. A ociosidade foi proibida por leis: os estrangeiros que não tivessem meios de conseguir trabalho deveriam deixar Genebra dentro de três dias após a sua chegada. E os desocupados da cidade deveriam aprender um ofício e trabalhar, sob a ameaça de serem presos, se assim não fizessem. O Conselho instituiu cursos profissionalizantes para os vadios e os jovens, para que eles pudessem entrar no mercado de trabalho (LOPES, Augustus Nicodemus. O ensino de Calvino sobre a responsabilidade social da Igreja. São Paulo: PES, 1998, p. 20).

<sup>46</sup> ROCHA, Calvino Teixeira da. Responsabilidade social da igreja. Londrina: Descoberta, 2003, p. 56.

<sup>47</sup> BIÉLER, A. O humanismo social de Calvino. São Paulo: Oikoumene, 1970, p. 72-74.

<sup>48</sup> STOTT, John. John Stott comenta o Pacto de Lausanne. Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983, p.9.

Ainda pode-se citar William Wilberforce que foi um parlamentar cristão que lutou ao longo de toda a sua vida para transformar a Inglaterra em um país livre da escravidão. Ele foi o fomentador de todo o movimento antiescravocrata mundial.<sup>49</sup>

Há a necessidade de uma igreja mundana, isso não no sentido de uma igreja secularizada, e muito menos com valores inversos ao do Reino de Deus, mas no sentido de uma igreja relevante no mundo, a começar pela comunidade que a cerca. Uma igreja que incentiva seus filhos a realizarem a transformação necessária onde estão, sendo um referencial para as pessoas à sua volta, ao ponto de poderem dizer como Paulo: “sede meus imitadores como eu sou de Cristo”<sup>50</sup> (1Co 11.1). Seria uma igreja em contato com os que precisam dela.<sup>51</sup>

Lausanne, ao falar da natureza da evangelização e da responsabilidade social traz consigo a ideia do alcance de todo homem pela mensagem do Evangelho. Essa é uma visão que fere o fundamentalismo religioso que tente a dividir a “humanidade entre os *nossos* e os *adversário*” e faz com que os evangélicos se voltem àqueles que se consideram seus piores inimigos, no contexto em que estão.<sup>52</sup>

Nesta extensão das bênçãos do Evangelho para a comunidade está implícita a pregação integral a todos, em todo o tempo; a plantação de igrejas saudáveis em todos os povoados; o discipulado dos novos convertidos aos moldes de Jesus; e dar formato e substância ao Reino de Deus na comunidade local.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> SCHAEFFER, Francis A. Manifesto cristão. [S.l.]: Refúgio, 1985, p. 65

<sup>50</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Bíblia de estudo Almeida. Barueri: SBB, 2006, p. 250.

<sup>51</sup> SANTOS, Luiz Fernando dos. Por uma igreja mundana. Ultimato, 20 fev. 2013. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

<sup>52</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In.: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). A missão integral transformadora. 2.ed. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006, p. 23-24.

<sup>53</sup> MUZIO, 2010, p. 56-57.

A igreja não tem o direito de se conformar com a religião das quatro paredes. Ela precisa, a partir do mandato cultural, que aponta para o cuidado com a criação, reconhecer que tem uma missão no mundo através dos dons e talentos que todas as pessoas receberam. Estes dons e talentos levam às profissões e que se constituem de uma vocação divina. Para o cristão tudo é sagrado. Não é só a igreja ou dentro da igreja.<sup>54</sup> Há aqui a necessidade da compreensão do Reino como sendo maior do que a igreja, até porque é ele que cria a igreja para uma atitude contra o *eclesiocentrismo*. A missão é no mundo e tudo o que se faz usando os recursos de Deus e com a ajuda de Deus é vocação. A comunidade precisa da igreja, mas convém ressaltar que primeiro a igreja precisa *ser igreja*, no seu sentido pleno, pois como irá compartilhar o que não tem?<sup>55</sup>

### 3. REPENSANDO AS ESTRATÉGIAS CRISTÃS PARA A COMUNIDADE

Não há dúvidas de que há um quadro social que cerca a igreja e para o qual ela deve apresentar respostas. O detalhe é que as respostas precisam ir na direção das necessidades e ao mesmo tempo evidenciem o referencial distintivo que a igreja representa no meio da comunidade. Em outras palavras, a igreja precisa auxiliar as pessoas, porém com metodologias diferentes das que a própria sociedade usa, porque os objetivos são maiores. Mais uma vez a Igreja Primitiva é padrão, porque as ações que ela tomou beneficiaram a população e foram ao mesmo tempo distintas daquilo que o governo ou a sociedade romana realizavam.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> GREENWOOD, Philip John. Fazedores-de-tendas, fazedores de discípulos. Londrina: Descoberta, 2005, p. 13-15.

<sup>55</sup> PANNENBERG, Wolfhart. Teologia y Reino de Dios. Sígueme: Salamanca, 1974, p. 49.

<sup>56</sup> LESSA, Hélcio da Silva. Ação social cristã. Movimento “Diretriz Evangélica”. Rio de Janeiro: Guanabara, [199?], p. 41-42.

Um possível ponto de partida para a compreensão desta dimensão está em se entender diferença entre Serviço Social e Ação Social<sup>57</sup>. Pelo Pacto de Lausanne, serviço social implica em socorrer o ser humano em suas necessidades, por meio de ações filantrópicas, buscando a partir delas atingir também a família através de obras de caridade. Já ação social implica em ir além. Nela busca-se eliminar as causas das necessidades através de atividades políticas e econômicas que buscam transformar as estruturas da sociedade, promovendo justiça.<sup>58</sup> Grande parte das igrejas evangélicas brasileiras que dizem praticar a ação social, não passaram de mero assistencialismo.

O assistencialismo tem o seu valor, mas está muito longe de ser uma ação integral da igreja e beira um descargo de consciência: foi entregue uma cesta básica a uma família que passava fome há dias e com isso a igreja cumpriu a sua tarefa social naquele ano. Agir dessa forma é promover ajuda como a sociedade promove, sem transformação maior e sem envolvimento afetivo.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> Nos idos do escravagismo, alguns cristãos, sensibilizados com os escravos castigados e violentados no pelourinho, resolviam ajudá-los com água, pão ou tratamento de suas feridas. Aquela atitude nobre, que não se relacionava com as causas da escravatura e mantinha o escravo na mesma situação, exemplifica o que se pode chamar de Assistência Social. Na assistência social existe compaixão e manifestações práticas dessa compaixão. Existe coragem para, mesmo numa ínfima proporção, confrontar o erro, mas não existe transformação histórica, o escravo continuará sendo escravo e permanecerá sofrendo no pelourinho, esperando que uma alma caridosa venha cuidar de suas necessidades mais urgentes. Outros cristãos, com uma visão mais aberta, mais ampla, vão além da assistência. De alguma forma, buscam assegurar a liberdade do escravo, através de levantamento de recursos para que ele seja comprado e libertado. Buscar-se-ão mecanismos para que o liberto encontre um trabalho e possa sobreviver nessa nova condição. Esse tipo de atitude, por mais louvável que seja, pode ser chamado de serviço social. O problema neste tipo de ação, conquanto o senso de misericórdia tenha ultrapassado em muito a assistência social, pois neste caso se conseguiu a liberdade e um meio de subsistência do livre, é que de fato não operou aqui uma transformação histórica. Resolveu-se o problema de um escravo, mas a escravidão continuará a passos rápidos atingindo a outros e estes continuarão a ser espancados, levados ao pelourinho e muitas vezes violentados até à morte. Alguns cristãos lançar-se-ão na luta contra a escravatura, para que se elimine definitivamente a opressão sobre o ser humano. Ação esta verdadeiramente eficaz, pois as estruturas serão alcançadas, a instituição escravagista será afetada significativamente. Agora sim, a possibilidade de uma transformação histórica se avizinha. Tal atitude pode ser chamada de ação social (LESSA, [199?], p.76-77).

<sup>58</sup> STOTT, 1983, p. 38.

<sup>59</sup> QUEIRÓS, Carlos Pinheiro. Cristo e a transformação social do Brasil: o compromisso do povo de Deus com os pobres. Belo Horizonte: Missão, 1991, p. 49-54.

Há ainda um outro desafio a ser encarado pela igreja: como relacionar evangelismo e ação social? Um equilíbrio entre ações práticas e a pregação sempre foi um dos grandes desafios da igreja. O liberalismo teológico, influenciado pelas dimensões sociológicas dos séculos XIX e XX enalteceu a responsabilidade social em detrimento do evangelismo. A Teologia da Libertação<sup>60</sup> emerge deste meio, e igrejas cristãs, que nem mesmo conhecem esta teologia, vivem pelo social apenas. A salvação foi reduzida a esfera terrena e carnal, sem perspectivas escatológicas.<sup>61</sup>

Este tipo de comportamento reflete o secularismo. Uma visão imediatista e utilitarista para os problemas do contexto. Nesta esfera, mesmo acreditando em Deus, o ser humano age no mundo de acordo com a sua própria vontade. “Nosso secularismo cristão se dá precisamente quando, tendo o mandato para exercer os princípios de Deus na terra acabamos por evitá-lo; quando amamos a terra por si mesma, e a causa desta luta”.<sup>62</sup>

Além disso, essa visão reflete uma eclesiologia muito pobre onde a igreja recebe a atribuição que cabe ao Estado. A igreja não é uma organização política<sup>63</sup> e nem mesmo uma sociedade de reforma social. Seu compromisso é com a missão de Deus que compreende também a restauração social, mas não o social pelo social e sim a transformação de vidas por meio do Evangelho de Jesus Cristo para o impacto social. É dever do Estado, que também tem condições para isso, promover a justiça social junto com a igreja. Ele tem a seu favor as leis, a autoridade para fazer

<sup>60</sup> TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO tem seu início na década de 60 e ganha força com a 2ª conferência do CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín e com o lançamento da obra *Teologia da Libertação* de Gustavo Gutiérrez. Atualmente é uma teologia com diferentes ramificações e expressões. Leonardo Boff, um dos grandes articuladores da TdL, definindo a mesma, destaca que ela “procura articular uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse pela libertação dos pobres; em função disso, ela utiliza as ciências do homem e da sociedade, medita teologicamente e postula ações pastorais que ajudem o caminho dos oprimidos. Sua base soteriológica enfatiza o aspecto social (GIBELLINI, R. A teologia do século XX. São Paulo: Loyola, 1998. p. 347-48).

<sup>61</sup> PADILLA, 2009, p. 63-67.

<sup>62</sup> PADILLA, 2009, p. 70.

<sup>63</sup> STOTT, John R. W. O cristão em uma sociedade não cristã. Tradução de Sileda S. Steuernagel. Niterói: Vinde, 1991, p. 30-31.

as leis serem cumpridas e os recursos. A igreja não tem condições financeiras para uma obra dessa magnitude, mas deve cobrar do Estado e auxiliar o Estado através da transformação de vidas que agem de forma justa.<sup>64</sup> Procurar mudar o mundo no restrito aspecto social é assumir o papel da sociedade.

Não pode haver confusão das funções, mas complementariedade. A igreja tem como ministério principal dar “testemunho da ressurreição de Jesus Cristo, e o Reino de Deus se configura na igreja na medida em que ela ‘supera a solidão do homem com o milagre da confissão e do perdão’ e faz visível a ‘nova comunidade do mundo da ressurreição’”<sup>65</sup>; já o Estado tem como ministério “reconhecer e preservar ‘a ordem da manutenção da vida’, e o Reino de Deus se configura no Estado na medida em que ele “se sabe responsável por guardar este mundo do seu desgarramento e de converter sua autoridade em garantia contra a aniquilação da vida”.<sup>66</sup>

Há os que consideram a ação social como sendo o oposto do evangelismo e diante de sua falta de esperança de mudança na situação do mundo, influenciados pela sua forma de olhar a escatologia, consideram que a única ação que compete a igreja é salvar os indivíduos na esfera do porvir. Talvez nesta dimensão se encaixe boa parte das igrejas evangélicas da atualidade, que mediante a sua teologia dicotomizada, pensam em salvar apenas a alma do ser humano.

Algumas igrejas são completamente contra a ação social e, por causa do medo do liberalismo teológico, da Teologia da Libertação e da influência política do socialismo, veem a ação social como uma traição do evangelismo.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> NOGUEIRA, Alcides. O “evangelho social” e a igreja de Cristo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965, p. 121-125.

<sup>65</sup> PADILLA, 2009, p. 72-73.

<sup>66</sup> PADILLA, 2009, p. 72-73.

<sup>67</sup> ROCHA, 2003, p. 36-37.

O não envolvimento social revela também uma atitude mundana e não eclesial. É a visão do *laissez-faire*, característico da sociedade sem Deus, que deixa as coisas como estão para ver como ficam. Com o discurso de tolerância, desenvolve-se uma apatia e indiferença crescente. É o contentamento com o mínimo, sem a preocupação de uma ação mais ampla e mais profunda.<sup>68</sup>

Na tentativa de conciliar, há várias propostas aceitas: *a) ação social como evangelismo*, trazendo a obrigatoriedade de se negar a evangelização num contexto em que não houve a ação social;<sup>69</sup> *b) a ação social como um meio para o evangelismo*, servindo como um atrativo para as pessoas, o que de certa forma prefigura uma propaganda enganosa, pois o objetivo não é promover assistência, mas lotar as igrejas;<sup>70</sup> *c) a ação social como uma manifestação do evangelismo*, dando a entender que através da ação estão evangelizando, colocando a proclamação em segundo plano;<sup>71</sup> *d) a ação social como resultado ou consequência do evangelismo*, mostrando que um verdadeiro salvo se volta para o serviço aos outros, como uma espécie de evidência da salvação, o que se sabe que é incompleto e colocaria em dúvida a salvação de muitos cristãos que nunca se envolveram com questões sociais;<sup>72</sup> *e) a ação social como parceira do evangelismo*, tendo como base de pensamento que as duas precisam ocorrer sempre em conjunto, sem levar em conta a realidade na qual se trabalha e muito menos os dons e habilidades de quem está no trabalho;<sup>73</sup> *f) a ação social e evangelismo como sendo igualmente importantes*, o que não resolve problema nenhum, mas pelo contrário, causa maior confusão diante do questionamento de qual delas

<sup>68</sup> STOTT, 1991, p. 75-77.

<sup>69</sup> NASCIMENTO FILHO, 1999, p. 28.

<sup>70</sup> ROCHA, 2003, p. 37.

<sup>71</sup> NASCIMENTO FILHO, 1999, p. 29.

<sup>72</sup> ROCHA, 2003, p. 38.

<sup>73</sup> STOTT, John R. W. Cristianismo equilibrado. Tradução de Lourenço Vieira. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 58-62.

deveria vir antes; e g) *a ação social como parte da proclamação do Evangelho*, mostrando que a tarefa da igreja é a proclamação do Evangelho que compreende a totalidade do ser humano e tudo o que existe ao seu redor. Esta última faz mais sentido e deveria ser praticada, pois dá um verdadeiro direcionamento à tarefa da igreja através do indivíduo primeiramente.<sup>74</sup>

Nessa visão de relação entre a ação social e o evangelismo a ação do indivíduo ganha força por destacar a proclamação. Essa visão combate a constante e crescente terceirização da dimensão social da igreja através das instituições sociais criadas e o constante desgaste na manutenção das mesmas, sem contar os empecilhos impostos pela sociedade que muitas vezes restringem a proclamação do Evangelho e que, portanto, tornam-se de certa forma, infrutíferas quando analisadas em seu escopo geral. Há uma crescente terceirização do compromisso cristão e as instituições sociais criadas contribuem para que os cristãos deixem de fazer o que devem fazer achando que fazem por enviarem uma doação à uma destas organizações.<sup>75</sup>

“O ponto de partida de nossa responsabilidade social é a identificação”<sup>76</sup> com as questões sociais que cercam cada cristão. Essa foi a forma da ação de Jesus: Ele encarnado visitou a terra. Enquanto cada cristão não tiver contato com a demanda social que o cerca, ele não saberá o que é ser socialmente responsável. As instituições sociais tiram dos cristãos este contato e fazem com que os mesmos fechem cada vez mais os seus olhos para as demandas que existem à sua volta. Sem identificação não há empatia e nem mesmo ação social, e até mesmo a dimensão da terceirização da ação social acaba sendo comprometida pela falta de incentivo financeiro daqueles que não sentem o que os outros à sua volta passam.<sup>77</sup>

<sup>74</sup> ROCHA, 2003, p. 38-40.

<sup>75</sup> TEIXEIRA, Carlos Flávio. Repensando a religião: debates sobre teologia. São Paulo: Unaspres, 2011, p. 153-177.

<sup>76</sup> PADILLA, René. Evangelio hoy. Buenos Aires: Certeza, 1975, p. 82-88.

<sup>77</sup> PADILLA, 1975, p. 82-88.

A não identificação com todas as estratégias da sociedade deve ser uma meta social da igreja. O não envolvimento social, ou o desenvolvimento de ações sociais apenas, ou ainda a terceirização da dimensão social são estratégias da comunidade não cristã. Ressalta-se aqui a importância da diaconia pessoal.<sup>78</sup> O próprio termo usado para a palavra ministério (diaconia) significa serviço. “O ministério não se define por si mesmo, define-se por seu papel na Igreja, pelo serviço que presta a todo conjunto, por sua ‘função’”. O termo função designa “a ação, o papel característico de um elemento, de um órgão, num conjunto” e aponta para um trabalho que os ministros têm. A própria metáfora do corpo, usada para representar a igreja, mostra que cada membro tem a sua função, por isso pode ser considerado um ministro. “Num corpo, o bom desempenho de uma função assegura a saúde do corpo, seu desenvolvimento harmonioso”. O mesmo acontece quando os membros entendem que têm uma função a cumprir. Não é a ação da totalidade que é enfatizada, mas a ação de cada parte, que mediante o uso dos dons concedidos.<sup>79</sup>

Em outras palavras, pode-se dizer que Deus deu certo serviço a cada cristão, e lhe concedeu dons sobrenaturais que o capacitem a realizar esta tarefa. Ressalta-se, ainda, que se o ser humano recebeu uma tarefa e todas as condições para executá-la, ele terá que prestar contas pelo que fez ou realizou. A Bíblia ensina que um dia todos estarão diante do trono e terão que prestar contas daquilo que fizeram, da forma como utilizaram seus dons (2Co 5.10).<sup>80</sup>

<sup>78</sup> STOTT, 1982, p. 46-48.

<sup>79</sup> LEMAIRE, André. Os ministérios na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 100-107.

<sup>80</sup> GRAHAM, Billy. O poder do Espírito Santo. Tradução de Hans Udo Fuchs. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 132.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento social das comunidades religiosas carrega consigo um tom de desconfiança por parte da sociedade como também da teologia. Muito disso ocorre pela não compreensão dos aspectos fundamentais, necessários para uma ação social efetiva.

Para começar, muitas igrejas diluíram as suas divisas teológicas, visando aproximar as pessoas. Usam de um discurso neutro e enganam a si mesmas como as pessoas por elas alcançadas. Não pretendiam fazer ação social, mas queriam a alma das pessoas; já as pessoas jamais procuraram a mudança de vida, apenas queriam a cesta básica do mês e, no fim, se viram como membros de determinada comunidade.

Ao mesmo tempo é triste notar que as comunidades religiosas da atualidade perderam seu poder de influência. Os locais dos quais emergem as maiores lutas sociais, com vistas a beneficiar todas as pessoas, não são mais as igrejas. Isso pode ser fruto deste evangelho diluído que visa aproximar as pessoas, ou então resultado do nosso isolamento social, nos satisfazendo com o que temos e somos.

A ação social efetiva da igreja proclama o Evangelho, doa a quem doer, pois é a verdade. E é este mesmo Evangelho que move a igreja através de cada um de seus membros a contribuírem individualmente com a melhora da sociedade que nos cerca, cada um com seus recursos e dons, fazendo diferença onde está. Num país em que o grupo de evangélicos cresce a cada ano, a transformação social deveria acompanhar esses números, o que não se concretiza porque há a expectativa pelas ações institucionais, enquanto o cristão, de forma individual, não cumpre com seu papel e muitas vezes colabora para a degradação da sociedade que ele mesmo quer, e deve, resgatar.

## REFERÊNCIAS

BETTENSON, H. **Documentos da igreja cristã**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1967.

BIÉLER, A. **O humanismo social de Calvino**. São Paulo: Oikoumene, 1970.

CAMARGO, Marcel Lins. Como transformar a comunidade. **Ultimato**, 20 jun. 2012. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br/conteudo/como-transformar-a-comunidade>>. Acesso em 11 fev. 2015.

CAVALCANTI, Robinson. **Igreja: agência de transformação histórica**. São Paulo: Vinde e Sepal, 1987.

COMBLIN, J. **Teologia da Missão**. Petrópolis: Vozes, 1983.

FISCHER, Gary. **Adoração rejeitada**. São Paulo, 21 mai. 2009. Disponível em <<http://www.estudo.dabiblia.net/d94.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2009.

GIBELLINI, R. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.

GRAHAM, Billy. **O poder do Espírito Santo**. Tradução de Hans Udo Fuchs. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GREENWOOD, Philip John. **Fazedores-de-tendas, fazedores de discípulos**. Londrina: Descoberta, 2005.

JOHNSON, Paul. **A history of Cristianity**. New York: Atheneum, 1976.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). **A missão integral transformadora**. 2.ed. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

LEMAIRE, André. **Os ministérios na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1997.

LESSA, Hécio da Silva. **Ação social cristã**. Movimento “Diretriz Evangélica”. Rio de Janeiro: Guanabara, [199?].

LINTHICUM, Robert C. **Revitalizando a igreja**. São Paulo: Bom Pastor, 1996.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O ensino de Calvino sobre a responsabilidade social da Igreja**. São Paulo: PES, 1998.

MARQUES, Roberta Lia Sampaio de Araújo. A Contribuição da Doutrina Cristã para os Direitos Fundamentais. **THEMIS: Revista da ESMEC / Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará**. Fortaleza, 2007, v. 5, n. 1, jan/jul, p. 44-45.

McMAHON, T. A. **Igreja ao gosto do freguês**. São Paulo, 21 mai. 2009. Disponível em <[http:// www.musicaeadoracao.com.br/crescimento /igreja\\_gosto.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/crescimento/igreja_gosto.htm)>. Acesso em: 21 mai. 2009.

MODES, Josemar Valdir. **A igreja e a sua clientela: a demasiada valorização do ser humano em contraste com o cristocentrismo da Igreja Primitiva**. **Azusa - Revista de Estudos Pentecostais**, v.5, 2014.

MUZIO, Rubens. **O DNA da igreja: comunidades cristãs transformando a nação**. Curitiba: EEE, 2010.

NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. **O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: uma visão contemporânea**. Campinas: LPC, 1999.

NEWNIGIN, Leslie. **The gospel in a pluralistic society**. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

NOGUEIRA, Alcides. **O “evangelho social” e a igreja de Cristo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.

PADILLA, René. **Evangelio hoy**. Buenos Aires: Certeza, 1975.

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultmato, 2009.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia y Reino de Dios**. Sígueme: Salamanca, 1974.

PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi Pinsky (orgs). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante**: felicidade à luz do Sermão do Monte. Curitiba: Encontro, 2003.

QUEIRÓS, Carlos Pinheiro. **Cristo e a transformação social do Brasil**: o compromisso do povo de Deus com os pobres. Belo Horizonte: Missão, 1991.

ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003.

SANTOS, Luiz Fernando dos. Tolerância e Exclusividade: numa época de muitas escolhas a singularidade de Cristo faz sentido? **Ultimato**, 11 set. 2014.

SANTOS, Luiz Fernando dos. Por uma igreja mundana. **Ultimato**, 20 fev. 2013. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SCHAEFFER, Francis A. **Manifesto cristão**. [S.l.]: Refúgio, 1985.

SHAPIRO, Fred R.; EPSTEIN, Joseph. **The Yale book of quotations**. Yale: Yale University Press, 2006.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2006.

STEUERNAGEL, Valdir R. **O Movimento Lausanne e a Missão Integral**, 20 ago. 2014. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/o-movimento-lausanne-e-a-missao-integral#pacto+de+lausanne>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

STEUERNAGEL, Valdir R. (org.). **A missão da igreja:** uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão, 1994.

STOTT, John R. W. **Cristianismo equilibrado.** Tradução de Lourenço Vieira. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

STOTT, John. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne.** Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983.

STOTT, John R. W. **O cristão em uma sociedade não cristã.** Tradução de Sileda S. Steuernagel. Niterói: Vinde, 1991.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno.** Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010.

TEIXEIRA, Carlos Flávio. **Repensando a religião:** debates sobre teologia. São Paulo: Unaspress, 2011.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus:** uma teologia da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.

